

RESENHAS

CULTURA E CIDADE EM AS CIDADES INVISÍVEIS

Eliana Ordunha Coelho*

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

O livro *As Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino, lançado no Brasil pela Companhia das Letras, nos leva a um belíssimo exercício de reflexão sobre as cidades, ao nos colocar diante não apenas de seus aspectos físicos, mas também ao estabelecer relações com diferentes realidades que as cercam. Assim vislumbramos as cidades reais e as cidades imaginárias de Calvino, invisíveis, transparentes, ideais ou não, construídas lentamente pelo cotidiano de cada um de seus habitantes, e que compõem, também, a trama de nossas próprias histórias.

Que cidades são essas? Quais as imagens que elas nos invocam que dêem conta de seus usos, hábitos, crenças, aspirações? Estarão representadas em suas ruas, suas praças? Formas de ver e sentir a cidade. Projeção dos imaginários sociais no espaço...

Jorge Luiz Borges, em *O Fazedor*, dizia:

Um homem se propõe a tarefa de esboçar o mundo. Ao longo dos anos povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de navas, de ilhas, de peixes, de habitações, de instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu rosto.

Da mesma forma Calvino esboça um mundo, revelando as nossas próprias feições, concentrando em um único símbolo, como ele mesmo dizia, nossas reflexões, experiências, conjeturas. São imagens que o homem não vê e que, sem perceber, vão sendo construídas em sua imaginação.

Em *As Cidades Invisíveis*, o famoso viajante veneziano Marco Polo descreve para o imperador Kublai Khan, conquistador mongol a quem servia, as incontáveis cidades de seu imenso império. Para cada uma de suas cidades - sempre femininas:

* Mestranda em História. PUC-SP.

Isaura, Anastácia, Tamara, Dorotéia, Berenice... - uma abordagem, uma simbologia. Fascinantes e estranhas cidades...

Por não falar a língua do imperador, Marco Polo se exprimia de formas diversas, através de gestos, gritos, latidos, representações, enfim; ou com a ajuda de objetos que ia tirando dos alforjes e dispondo diante de si como peças de xadrez - plumas de aves, zarabatanas, caixinhas,... - iniciando um curioso jogo entre utopia e realidade. E assim o Grande Khan ia interpretando seus símbolos, construindo imagens, sonhando.

Essa comunicação, no entanto, podia gerar entendimentos diversos, da mesma maneira como nós entendemos as cidades de maneiras diversas. E diferentes são as leituras que se podem fazer da obra. A intertextualidade, como um diálogo entre o texto e sua fonte, nos faz vibrar acentuando a possibilidade de múltiplas leituras.

Marco Polo narra fatos reais, descreve lugares, modos de vida, sensações, imprimindo sua visão de cidade e de mundo, colocando-se através da tipologia de suas narrativas. Kublai Khan se contrapõe a essa realidade construída, com o sonho, que em sua onipotência recua e avança suas cidades por onde quiser, vislumbrando em sua mente novas conexões e imprimindo-lhes novas características. Estamos falando de cidades reais e cidades imaginárias. Que cidades são essas? Onde elas estão?

No simpósio "Sete Perguntas a Walter Benjamin", promovido em 1990 pelo Instituto Goethe de São Paulo, uma das questões abordadas foi sobre a cidade: É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela? A partir daí talvez possamos começar a descobrir que cidades são essas. Sérgio Paulo Rouanet, respondendo a essa questão, colocou que

os homens não habitam a cidade na medida em que ela é uma cidade de sonho e, enquanto tal, ela está sujeita aos dinamismos do inconsciente e ali ela reside. É nos homens que a cidade mora porque é parte de sua vida de sonho.

Mas o sonho pode ser interpretado, transformando em práxis sua dimensão utópica e não recusando-o em nome da realidade.

Despertar as cidades dos sonhos não parece ser a intenção de Calvino. Ele cria, sim, cidades de sonho que "habitam" as cidades reais, construindo através do fantástico, representações delicadas da sociedade moderna. "As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos", dizia Marco Polo ao imperador. E assim são, construídas com materiais diáfanos e voláteis - a memória e o desejo - invisíveis. São cidades da memória, cidades dos símbolos, cidades dos desejos, que residem em cada um de nós.

Da mesma forma que Kublai Khan construía essas cidades em sua imaginação, elas também estão presentes em nossa construção da realidade no contexto urbano, e se manifestam das mais variadas formas, seja na memória do que foi a cidade, na realidade dos espaços que percorremos em busca da realização dos nossos desejos no simples olhar de quem caminha pelas ruas buscando símbolos com os quais se identifique.

Marco Polo possui um delicado olhar, capaz de metamorfosear cidades estrangeiras em paisagens, transformando-as em poesia. Nomes, luzes, ruídos, construções, ruas, pessoas fazem estas estranhas e lindas cidades se revelarem. E assim como o olhar do navegante veneziano é livre, o de Kublai Khan também não está comprometido com a história da produção dessas cidades, é um olhar sem medo, sedutor, como o do *flâneur* pelas ruas e becos de Paris, na obra de Benjamin. Ao contrário é sob nosso olhar de habitante-usuário da urbe que sofremos as influências dos processos de transformação pelos quais as cidades passam, e que deixam marcas profundas no cotidiano das pessoas. Talvez, por isso, um leitor desavisado, tenha dificuldade em encontrar as suas cidades invisíveis. Ou não!...

Num primeiro momento talvez seja difícil fazer uma leitura descomprometida do significado das cidades, pois percebemos que elas estão atreladas aos usos que fazemos dos espaços, sendo ao mesmo tempo atores e espectadores das ações, tendo como pano de fundo o grande cenário. E assim, ao caminhar pelas ruas, praças, avenidas, somos bombardeados continuamente com estímulos que poderão gerar, ou não, usos articuladores dessa linguagem ambiental, e que, por sua vez acabarão por interferir, ou não, outra vez sobre o contexto. É um processo dinâmico que dá outra dimensão à história do espaço urbano, assim como ao processo de construção das imagens do cotidiano. Torna-se necessário, então, compreender as questões que as cidades colocam, pois são os espaços onde a história se dá, e esse sentido implica percepção não apenas do passado como passado, mas do passado enraizado no presente.

Dessa forma, vamos ver que não interessa saber como nós, cidadãos, recebemos essa linguagem contextual urbana, mas analisar o que ocorre com essa linguagem quando, saindo dos domínios da produção, adentra o mundo da recepção, e os espaços se transformam, tornando-se espaços dos desejos, das memórias, dos símbolos, dos sonhos.

Talvez seja este o processo de construção das nossas cidades invisíveis que Calvino tão bem soube erigir. Cidades que guardam dentro de si outras cidades, de origens diversas e cuja paisagem, como nos descreve Marco Polo, traz as marcas dessas diferenças, que não se manifestam apenas nos seus espaços físicos. Nelas as

peças vivem de modos variados, recriando e reinventando cidades singulares, às vezes superpostas, às vezes conflitantes. Como Kublai Khan.

É interessante acrescentar, após todas essas considerações, que também tipograficamente, o livro tem dois aspectos diferentes: apresenta em itálico a aspi-
ração e a discussão sobre a utopia inalcançável e em redondo, o retrato da realidade
imaginada e vivida. Pode-se dizer que utopia e realidade nunca se tocam, embora
convivam dramaticamente tanto através da desesperada visão que o imperador tem
do mundo quanto através das narrações que Marco Polo lhe faz sobre a possível
salvação do mesmo.

Em seu trecho final, Kublai Khan pergunta a Marco Polo se ele, que era capaz
de interpretar símbolos, saberia dizer “na direção de qual desses futuros nos em-
purram os ventos propícios”. Ante a resposta duvidosa, ele conclui que “tudo é
inútil, se o último porto só pode ser a cidade infernal, que está lá no fundo e que
nos suga num vórtice cada vez mais estreito”. Ao que Marco Polo responde:

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no
qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não
sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte
deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e
aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno não é
inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

É a “concretização” das nossas cidades invisíveis.